

Pasolini, Pier Paolo. *Orgia*. Trad. de Olinda Gil, Pedro Marques. Lisboa: Artistas Unidos: Cotovia, 2006.

MULHER Em momentos como este
tenho saudades, como se fossem sonhos
que tive há muito tempo
e voltam agora sob a forma de coisas reais.
Talvez sejam sonhos do meu pai e da minha mãe.
Eu ainda não tenho trinta anos!
Por isso como é que me posso recordar
daquele tempo,
daquele tempo longínquo,
quando aqui só havia prados,
e lá ao fundo, na direcção do Pó
não havia senão um pouco de névoa?
Mas mesmo assim recordo-me. E recordo-me que os choupos
eram raros — verdes sobre uma erva ainda mais verde.
E formavam uma coroa cinzenta
à volta do amor dos doces símios camponeses
que não olhavam para o céu senão para rezar...
O resto do tempo olhavam para os torrões.
Eram assim, fizeram-se de terra molhada e pedras brancas,
com as mãos juntas, ou o punho fechado num ancinho.
Na direcção dos pré-Alpes ou na direcção dos Montes Euganei
não havia senão aldeias com casais e palacetes
por onde passavam ao sol, debaixo das rosáceas,
num silêncio incorrigível —
os carros de mosto — ou de feno —
qual deles era brutalmente, humanamente mais perfumado?
Das primeiras fábricas as raparigas saíam para a noite.
E todos se apercebiavam, pelo passo delas,
se era Outono — ou Primavera.
Nos povos feitos dessas terras
que desceram há mil anos dos Alpes
e se instalaram na planície
durante outros mil anos,
tinham desaparecido todos os sinais de barbárie.
Mesmo nos seus bois e nos seus cães.
Os pais e as mães, já pequeno-burgueses,
depois de muitos anos,
pertenciam àquela terra molhada e àquelas pedras brancas.

E como podia eu lembrar-me das amoreiras, diz-me,
se ainda não tenho trinta anos?
Das amoreiras luminosas à sombra nas eiras;
de um verde brilhante como o ouro,
ou das amoreiras em fila que alinhavam as videiras
tão negras, em Fevereiro, contra os montes azuis-celeste.
O mundo era assim, lembro-me, há pelo menos
doze mil anos: as primeiras chaminés
de Monza ou de Milão eram irmãs
dos choupos dos campos de Cremona...
A religião tornava tudo igual
mesmo antes de Cristo, e lembro-me
que antes disso também se orava do mesmo modo,
nos nevoeiros cerrados ou nos dias calmos
de sol no meio do céu azul e frio.
Talvez fosse bêbedo ou fascista,
o meu pai, mas mesmo assim mergulhava a sua grande mão
na água benta; tal como a sua tacanha esposa.
Ainda nem sequer uma vida passou desde esses tempos!
O trigo chegava até às primeiras casas da cidade,
a vida quotidiana decorria como se estivesse dentro de tucas
— naquelas aldeias consagradas à terra molhada
e ao pó que sabe a neve.
Os campos de ervas medicinais e as casas dos vizinhos
eram todo o mundo — com Roma distante.
De vez em quando vem-me à cabeça este longo sonho.
Saímos dele?
Neste sonho vejo o rosto da minha mãe
infinitamente mais velho que a sua idade;
o rosto da minha mãe jovem na sua inocência,
incapaz de profetizar, como uma cadela.
A certeza que tinha nos olhos!
Que me importa que essa certeza

fosse o simples pensamento conservador
dos pequeno-burgueses daqueles tempos?
Que ela era escrava
da vida que tinha como mulher e mãe?
Tudo o que o homem tinha sido
durante doze mil anos habitava
na certeza daqueles olhos
abertos numa aldeia entre os Alpes e o mar!
Havia Mântua e Florença,
as pequenas aldeias ao longo do Pô e dos Apeninos,
a pequena Grécia e a sua pulverulenta Atenas...
Chegava a estação
em que deviam florir as primulas nas margens do rio?
E pronto, as primulas floriam.